



EDITORIAL

Ana Livia Carvalho Figueiredo Braga¹

A pandemia que se iniciou em março de 2020 foi um evento inesperado que afetou a humanidade, acirrou sentimentos como a angustia e a *nadificação* em face de uma eminência de morte. O inimigo desconhecido - SARS-Covid 19 - se lastrou por casas, cidades, países e continentes, trouxe consigo a possibilidade de morte em massa que infelizmente se confirmou e se arrastou por anos, assim se revelou um cenário catastrófico que somente podíamos experienciar de forma indireta, nos filmes de ficção científica.

A pandemia, somente em 2023, teve seu final fixado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Embora a datação seja formal, a COVID-19 ainda se confirma em números discretos e acompanhará a humanidade até que seja debelada de forma corriqueira e participativa do calendário de vacinação dos países.

Para a humanidade, a pandemia representou mudanças no modo de viver nas relações de trabalho, na educação, nas relações sociais, representou, sobretudo, uma mudança de ser no Ser.

Nas relações de trabalho, o teletrabalho foi a forma por excelência de realização das tarefas laborais, o desaparecimento da figura do líder ou chefe, o desaparecimento do lugar de execução do trabalho e a criação de uma rotina a mais no espaço familiar efetivaram um processo de estresse ao trabalhador e àqueles que coabitam com ele. A pandemia também evidenciou a massa de desempregados que se achava oculta nas tramas sociais e confirmou, em largo espectro, que vivemos na sociedade do desemprego.

¹ Professora de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) e editora-chefe da Revista Acadêmica em Humanidades, Artífices.



No que concerne à educação, foram momentos de experiencição de uma realidade de exceção que se tornou a regra por dois longos anos, a adoção do ensino remoto foi a medida extremada na qual não se podiam prever resultados, os poucos recursos tecnológicos disponíveis aos atores do processo educacional como sendo os adequados para a aprendizagem sequer eram acessíveis a todos, a cidadania fora duramente solapada.

O trabalho docente que é personalíssimo e que requer fisicalidade se viu afetado pela intermediação da sala de aula virtual, as atividades e provas passaram para o formato virtual sendo postadas em plataforma digital, as frequências dos discentes eram geradas em “frequência automática”. É neste cenário pandêmico que a educação ganha novo viés.

Antes da pandemia, embora já existisse uma utilização do ensino remoto, na modalidade EAD, o que prevalecia era o entendimento de que a Educação se dava de modo presencial e continuado.

A relação entre docente e discente, antes da pandemia, visava garantir a continuidade do processo educativo para além da sala de aula e no momento da aula, ela estava nas entrelinhas do dia-a-dia de ambos. A educação era e é processo que remeter ambos à urgência da contemporaneidade e do cotidiano em que estamos imersos. Certamente, o processo educativo se assemelha a uma grande tapeçaria onde cabe sempre refazer os desenhos da tela e o ajuste dos pontos da lã. O ensino remoto, até antes da pandemia, era bastante utilizado em casos especiais onde o acesso presencial era inviável e acontecia em condições metodológicas especiais, ou mesmo utilizado para alcançar sujeitos em condições atípicas, mas, durante a pandemia, por circunstâncias alheias ao distanciamento geográfico e por se justificar no confinamento dos indivíduos para proteger a saúde e a vida, a sala virtual foi espaço onde se projetaram fragilidades individuais e coletivas no âmbito psicológico e pedagógico. Eram pessoas fragilizadas por perda de entes queridos ou mesmo pela incerteza de sua própria existência por terem contraído a doença e não saberem seu desfecho.

O ensino mediado por tecnologia se deu de forma tão abrupta que revelou mais um fenômeno: o da pobreza extrema que afeta o país e os jovens que farão o futuro – é a



pobreza tecnológica – criou-se um plano de urgência para sanar esta demanda e não se conseguiu prover cada discente e cada cidadão para ter acesso às aulas. O celular, agora convertido em plataforma de estudo também se tornou a oportunidade de emprego, de acesso à informação e o que mais couber. O mesmo se aplica ao docente que teve que usar seu computador doméstico para executar aulas, quando ele só era razoável para prepará-las. A desigualdade tecnológica se revelou de forma gritante e deve ser objeto de reflexão para a refundação do processo pedagógico empenhado na educação capaz de elevar o discente para o mundo da vida.

O tema deste volume três da Revista Artífices contempla a pandemia e seus efeitos sobre nós e compreende seus efeitos sobre a Educação Brasileira, requer uma reflexão que não cessará tão cedo, pois pistas e estados da arte são apresentados ao caro leitor com o intuito de despertar novas reflexões e uma compreensão deste fenômeno de proporção global e que ainda ecoa.

Os artigos e a resenha que compõem esta Revista Artífices, cujo tema é “O Brasil da pandemia: o antes o agora e o depois”, cumprem a meta de analisar os efeitos da pandemia do COVID-19 no contexto da educação, fornecendo subsídios teóricos relacionados ao tema e suscitando questões para que o leitor reflita de forma interativa com os textos aqui anunciados.

O artigo **Os impactos da pandemia da COVID-19 nas escolas** aborda a necessidade de analisar os desafios do ensino-aprendizagem em municípios como Camaçari e Simões Filho, revela um diagnóstico preciso e um registro histórico de relevância pelas ações enfrentadas pelos sujeitos, em especial, os moradores pretos, pobres e periféricos que enfrentaram e enfrentam condições adversas na esfera econômica e suas esferas conexas. Em outra abordagem teremos a apresentação do artigo **Vivências no programa residência pedagógica núcleo pedagogia: uma educação para as relações** partindo de estudos sobre a Residência Pedagógica da Universidade Federal da Bahia que, em parceria com uma escola da educação básica, focou em um modelo epistemológico de educação calcado nas relações e respeitando a individualidade, a



subjetividade e também voltada ao conhecimento, e que se viu desafiada no período da pandemia caracterizado pelo distanciamento social e pelo ensino remoto. Ainda assim, o relato cita a eleição de um vídeo aula com tema previamente designado para uma das turmas assistida pelos Residentes que permitiu o planejamento e o desenvolvimento desta atividade entre outras. Elas caracterizam a formação docente inicial, concluindo que ela permite construir saberes que fogem da transferência de conteúdo formal, posicionando o aluno como sujeito ativo, que gera e compartilha conhecimentos. Sendo assim, uma experiência “êxito” na medida em que o programa proporcionou a ruptura com estruturas da educação tradicional, permitindo vivenciar a formação como processo e itinerário de futuros docentes.

Uma análise sintomática sobre o impacto do COVID-19 na formação de docentes pode ser percebida no artigo **Programa Residência Pedagógica e a formação de professores em contexto pandêmico**, onde um relato rico traz a experiência vivenciada pelos residentes do Programa Residência Pedagógica no Núcleo do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. As atividades do PRP foram adaptadas para o modo remoto e associado ao formato de trabalho coletivo e à distância, usando o tempo assíncrono para elaboração de material didático. Os momentos síncronos foram reservados para socialização, sistematizações e estudos. As ações presenciais realizadas, no final da Residência, puderam estabelecer o formato híbrido de ensino sendo síncrono, assíncrono e presencial e o resultado auferido foi de formação de uma identidade docente mais perceptiva à realidade dos discentes e da possibilidade de conectar o conhecimento com a formação de uma subjetividade

No artigo **Ensino remoto: uma Reformulação nas Práticas Pedagógicas**, o resultado do Programa de Residência Pedagógica da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, cujo estudo foi centrado nos desafios pertinentes ao ensino híbrido, mais especificamente no planejamento das atividades remotas, ateu-se aos seguintes objetivos específicos: “pesquisar os impasses e contribuições das ferramentas tecnológicas para o ensino de língua portuguesa; argumentar sobre os percursos da formação inicial docente frente aos recursos digitais; analisar as lacunas na interação virtual que dificultam o



ensino e aprendizagem” diante da realidade dos discentes. O artigo também aborda a relação entre a gamificação e o processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração que a sua linguagem complementa de forma positiva o ensino de língua portuguesa promovendo mais interatividade com os temas propostos.

Em um artigo bastante inspirador e diagnóstico intitulado, **A experiência ética do pensamento crítico diante os desafios da pós-pandemia**, a reflexão propiciada pela visão de uma América Latina redefinida em 1492 e os novos rumos decorrentes dessa empreitada incorrem em consequências não somente para o planeta, mas para o homem. É a tomada de um novo norte ético que leve em apreço e reverência o planeta e de reconsideração à condição humana, onde a ética é o ponto fulcral da experiência que não mais se sedia no modo capitalista neoliberal, na cisão entre a ética e a política, mas em uma conjunção de uma inteligência racional e emocional que possa romper o eurocentrismo que se revelou como um referencial falido que não contempla a totalidade do planeta. A proposta trazida é calcada na necessidade de se resgatar e de realizar os saberes, os símbolos, os rituais e os relatos dos povos oprimidos que contemplem a pluralidade epistemológica da ecologia de saberes dos povos que sabem cuidar da Terra.

O artigo **Revisão da produção bibliográfica em periódicos nacionais sobre “permanência, êxito e evasão” no Ifba 2012-2022**, analisa a realidade do Instituto Federal da Bahia nos anos de 2021 e 2022, fundado em uma revisão bibliográfica de artigos e *papers* que tratam da permanência, evasão e êxito na Instituição. A análise realizada definiu um quadrante onde ressalta a necessidade de uma formação continuada de docentes, programas de assistência estudantil e enfrentamento da evasão por meio da gestão escolar. O enfrentamento do tema encontra uma multifatorialidade que exige atenção constante e que inclua aspectos subjetivos nas relações entre os sujeitos que compõem a cena escolar e para aqueles que ficam à margem dela.

A nossa resenha **A performance fascista se revela** contempla a obra do autor Carlos Zacarias de Senna Junior, reúne publicações escritas que versam sobre a política pátria em período que compreende os anos de 2000 a 2018, discorre sobre os governos



petistas e aquele que se instalou de forma a minimizar os efeitos do golpe que desbancou a então presidente, Dilma Rousseff e que estabeleceria os caminhos para a materialização do bolsonarismo, governo nitidamente extremista. A visão privilegiada de Carlos Zacarias de Senna Junior revela um movimento político imbricado e bastante estratégico para a implantação do bolsonarismo que nitidamente exhibe laivos de regime de exceção embora queira se disfarçar de um modo de governo pró-democrático. Trata-se em uma empreitada bastante engendrada no dismantelo da ordem econômica, nas conquistas sociais e de direitos humanos, numa política educacional e num respeito aos movimentos sociais implementada pelos governos anteriores ao período bolsonarista. As ações e os resultados executados pelo governo bolsonarista recente revelam uma urdidura de manutenção de uma ordem mundial neoliberal que se recusa a ser substituída e expõe os mecanismos que ela usa para a sua perpetuação, são mecanismos subliminares, causam consequências aos indivíduos, às instituições e à coletividade além de ameaçarem os caminhos da democracia.

Por fim, diante da riqueza investigativa, dos resgates históricos, do esmero na análise teórica empreendida pelos autores acerca da Pandemia do SARS COVID-19 e suas consequências no processo pedagógico e político, as lições que podemos recolher nestas leituras, certamente nos deram a liberalidade de omitir, neste editorial, os nomes dos autores. Nosso convite agora segue para que o caro leitor possa ler os artigos deste volume e fazer suas próprias ilações e garantir que as consequências da pandemia ainda estão vivas em nós e servirão para tantas outras reflexões no âmbito político-pedagógico.

Por fim, deixamos consignado nossos agradecimentos ao Instituto Federal da Bahia na pessoa de sua Reitora Dra. Luzia Matos Mota, ao Diretor Geral do Campus Salvador, Dr. Ives Lima de Jesus e ao professor Dr. Wagner Vinhas, cabendo a este último a concessão de tempo e *expertise* para nos auxiliar em dúvidas sobre esse rico processo de construção de uma revista acadêmica. É importante ressaltar que mãos e mentes comprometidas com a pesquisa acadêmica também agiram durante a gestação desta revista, são os pareceristas e revisores que doaram seu tempo para a materialização deste feito.